

JOSÉ ALDAZÁBAL

MINISTÉRIO DA HOMILIA



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Aldazábal, José, 1933-2006
Ministério da homilia / José Aldazábal ; [tradução Luís M. Sander].
-- São Paulo : Paulinas, 2018. -- (Coleção liturgia fundamental)

Título original: El ministerio de la homilía
Bibliografia.
ISBN 978-85-356-4469-2

1. Fé (Cristianismo) 2. Homilética 3. Igreja Católica - Liturgia
4. Palavra de Deus 5. Pregação I. Título. II. Série.

18-20776

CDD-251

Índice para catálogo sistemático:

1. Pregação homilética : Cristianismo 251

Maria Paula C. Riyuzo - Bibliotecária - CRB-8/7639

1ª edição – 2018

Título original da obra: *El ministerio de la homilía*,
© *Centre de Pastoral Litúrgica, Barcelona, 2006*.

Direção-geral: *Flávia Reginatto*

Conselho Editorial: *Dr. Antonio Francisco Lelo*
Dr. João Décio Passos
Ma. Maria Goretti de Oliveira
Dr. Matthias Grenzer
Dra. Vera Ivanise Bombonato

Editores responsáveis: *Vera Ivanise Bombonato e*
Antonio Francisco Lelo

Tradução: *Luís Marcos Sander*

Copidesque: *Mônica Elaine G. S. da Costa*

Coordenação de revisão: *Marina Mendonça*

Revisão: *Sandra Sinzato*

Gerente de produção: *Felício Calegare Neto*

Projeto gráfico: *Manuel Rebelato Miramontes*

Capa e diagramação: *Tiago Filu*

Imagem capa: *Old Books closeup @ Subbotina*

Nenhuma parte desta obra poderá ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma e/ou quaisquer meios (eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia e gravação) ou arquivada em qualquer sistema ou banco de dados sem permissão escrita da Editora. Direitos reservados.

Paulinas

Rua Dona Inácia Uchoa, 62
04110-020 – São Paulo – SP (Brasil)
Tel.: (11) 2125-3500

<http://www.paulinas.com.br> – editora@paulinas.com.br
Telemarketing e SAC: 0800-7010081

© Pia Sociedade Filhas de São Paulo – São Paulo, 2018

*Ele foi a Nazaré, onde fora criado,
e, segundo seu costume,
entrou em dia de sábado na sinagoga
e levantou-se para fazer a leitura.
Foi-lhe entregue o livro do profeta Isaías;
abrindo-o, encontrou o lugar onde está escrito:
“O Espírito do Senhor está sobre mim, porque ele me ungiu
para evangelizar os pobres;
enviou-me para proclamar a remissão aos presos
e aos cegos a recuperação da vista, para restituir a liberdade aos oprimidos e
para proclamar um ano de graça do Senhor”.*
*Enrolou o livro, entregou-o ao servente e sentou-se.
Todos na sinagoga olhavam-no, atentos.*

*Então começou a dizer-lhes:
“HOJE SE CUMPRIU AOS VOSSOS OUVIDOS
ESSA PASSAGEM DA ESCRITURA”.*

*Todos testemunhavam a seu respeito
e admiravam-se das palavras cheias de graça
que saíam de sua boca. [...]
Diante dessas palavras, todos na sinagoga
se enfureceram. E, levantando-se,
expulsaram-no para fora da cidade
e o conduziram até um cimo da colina
sobre a qual estava construída,
com a intenção de precipitá-lo de lá.
Ele, porém, passando pelo meio deles,
prosseguiu seu caminho.
Desceu então a Cafarnaum, cidade da Galileia,
e ensinava-os aos sábados.
Eles ficavam pasmados com seu ensinamento,
porque falava com autoridade (Lc 4).*

SUMÁRIO

SIGLAS.....	9
INTRODUÇÃO	11
CAPÍTULO 1	
A HOMILIA, REALIDADE VIVA.....	13
CAPÍTULO 2	
IDENTIDADE DA HOMILIA.....	25
CAPÍTULO 3	
A PALAVRA DE DEUS, ACONTECIMENTO SALVADOR.....	41
CAPÍTULO 4	
A HOMILIA NA HISTÓRIA	63
CAPÍTULO 5	
A HOMILIA, OBEDIENTE À PALAVRA	77
CAPÍTULO 6	
A HOMILIA A SERVIÇO DO “HOJE” DA COMUNIDADE.....	99
CAPÍTULO 7	
A HOMILIA E A PASSAGEM AO RITO SACRAMENTAL	127
CAPÍTULO 8	
QUEM PREGA. A PESSOA DO HOMILETA.....	137

CAPÍTULO 9	
O CONTEÚDO BÍBLICO DA HOMILIA.....	173
CAPÍTULO 10	
A LINGUAGEM DA HOMILIA.....	205
CAPÍTULO 11	
EM QUE CELEBRAÇÕES SE PREGA.....	223
CAPÍTULO 12	
PREPARAÇÃO REMOTA E PRÓXIMA.....	241
CAPÍTULO 13	
OUTRAS SUGESTÕES PASTORAIS.....	255
CAPÍTULO 14	
A HOMILIA, EDUCADORA DA FÉ.....	263

APÊNDICES

I	
A SOLENE PREGAÇÃO DO LIVRO DE NEEMIAS.....	275
II	
O PROBLEMA DA HOMILIA.....	279
III	
ACUPUNTURA HOMILÉTICA.....	283
IV	
CONSELHOS A UM MAU ORADOR.....	289
BIBLIOGRAFIA.....	293

INTRODUÇÃO

Jesus incumbiu seus discípulos à mesma missão que ele havia realizado: que pregassem o Evangelho a toda criatura. E assim o tem feito a Igreja durante dois mil anos.

Além de ser uma comunidade evangelizada, repleta ela própria da Boa-Nova, e que, na liturgia, celebra essa Boa-Nova com trabalho e serviço e tenta construir uma sociedade nova, a Igreja é também uma comunidade profética, que anuncia ao mundo inteiro a salvação por Cristo Jesus.

Dentro dessa missão evangelizadora, no sentido amplo da palavra, tem particular interesse o serviço da pregação homilética no marco da celebração da comunidade cristã.

A finalidade deste livro não é ensinar “como se faz homilia” nem oferecer uma extensa teologia da Palavra de Deus, ou da exegese bíblica, ou da teologia do ministério da pregação na Igreja em geral. Tampouco pretende apresentar uma teoria completa da comunicação social ou psicológica, com todas as chaves da comunicação da linguagem.

O que tenta este livro é dar algumas ideias, tão ordenadas quanto possível, sobre o que é a homilia, qual sua posição no conjunto da pregação eclesial, qual sua estrutura e dinâmica interior, quem a realiza e a

quem a destina. E também sobre qual é a pedagogia comunicativa que se deve pôr em prática para transmitir com eficácia a Palavra de Deus à comunidade concreta que a escuta.

Eu o escrevi pensando nos sacerdotes e nos seminaristas ou leigos que tentam exercer em geral o ministério da pregação, sobretudo o da homilia dentro da celebração litúrgica.

Certamente não pretendo apresentar “a” homilética, mas “uma” homilética, ou uma aproximação ao tema da homilia, com uma intenção claramente prática e pastoral.

É imensa a bibliografia que se publicou sobre a homilia, a partir das chaves da Bíblia, da história, da patrística, da teologia ou das ciências da comunicação.

Sobretudo na Alemanha e nos países anglo-saxões, apareceram muitos estudos sobre a teoria da pregação, de modo especial no âmbito protestante, que sempre deu maior importância à Palavra, ao contrário dos católicos, que produzimos em séculos passados uma literatura mais abundante em torno do sacramento.

De tanto que se escreveu sobre a pregação homilética, talvez pareça a alguns que é um tema já esgotado. Mas certamente não é supérfluo. Quem realiza esse prazeroso e nada fácil ministério da homilia na comunidade cristã sente o quão necessário continua sendo este ministério na Igreja atual, precisamente em meio a uma sociedade que não é mais tão cristã como antes. E também a conveniência de refrescar a homilética, a “teoria da homilia”, para saber respeitar sua identidade dentro do conjunto da pregação eclesial e realizá-la nas melhores condições para que a comunidade vá crescendo e se fortalecendo em sua fé à luz da Palavra de Deus.

CAPÍTULO 1

A HOMILIA, REALIDADE VIVA

A homilia é, em nosso tempo, um tema do qual se fala muito, a favor ou contra, uma realidade viva que interessa tanto aos pastores quanto aos fiéis da comunidade cristã.

É um ministério nobre, prazeroso para muitos dos que o realizam e proveitoso para muitíssimos fiéis. Porém, ao mesmo tempo, é um ministério difícil.¹

Dificuldades em torno da homilia

a) Alguns problemas e perguntas surgem para a homilia a partir da própria *Palavra de Deus* que é necessário transmitir e traduzir para a vida de hoje.

Até poucos anos atrás, os Lecionários eram muito mais reduzidos. A Palavra de Deus do Antigo Testamento se proclamava poucas vezes, e cada ano as mesmas passagens, que não eram precisamente as

¹ Gomis, J. La homilía como problema. *Phase*, n. 85, p. 55-61, 1975; id. Crisis homilética. *Phase*, n. 165-166, p. 252-260, 1988; Rogues, J. ¿Tiene futuro la homilía? *Sel Teol*, n. 141, p. 47-52, 1997; cf. Lewek, A. *Die Neubelebung der Predigt durch die Erneuerung der Homiletik. Theol Glaube*, v. 1, p. 90-102, 1978: é um autor polonês, que situa bem e com simplicidade a homilética hoje.

mais importantes. Agora pode causar certa dificuldade aos pregadores ter que seguir os vários Lecionários e comentar livros que talvez nem sequer tenham estudado em seus tempos de seminário.

Nestes livros, encontramos, não poucas vezes, passagens difíceis de entender e de explicar: dos profetas, ou dos escritores do Novo Testamento como Paulo ou João, que apresentam às vezes uma teologia muito densa, ou páginas de singular violência e de uma moral que parece difícil de conjugar com o ensinamento de Cristo. A temática de alguns destes livros pode revelar-se árdua aos cristãos de hoje. Para captar sua mensagem, o pregador necessita de um esforço grande de preparação e reflexão.

Além disso, houve uma notória evolução nos estudos exegéticos, que condiciona muito a interpretação que se possa fazer das leituras dos vários livros bíblicos, em sua aplicação à vida atual dos fiéis. Parece a alguns que os exegetas nos tiraram muitas das “seguranças” que tínhamos, por exemplo, a respeito da historicidade de vários livros, e às vezes nos fazem duvidar de tudo.

b) Outras vezes, as dificuldades surgem a partir da própria pessoa do *pregador*.

Até poucos anos atrás, muitos sacerdotes não pregavam nunca ou quase nunca. Nas catedrais, costumava-se reservar este ministério, em todas as missas, a um cônego especificamente preparado para a pregação: o cônego “magistral”. Em muitos seminários, não se ensinava, nem se ensina ainda, a disciplina da homilética. Davam-nos noções de “oratória sagrada”, mas a homilia segue outras chaves bastante diferentes. Um pregador de hoje necessita de uma formação bíblica considerável, alimentada por uma formação permanente de que cada um tem que cuidar com responsabilidade.

Aos que pregam, que agora são a maioria, custa-lhes às vezes entender a mensagem bíblica, o “quê” devem pregar. É-lhes difícil

dominar todo o AT e o NT. Custa-lhes também se conectarem com a comunidade que os escuta, “a quem” vão pregar: às vezes, não a conhecem suficientemente e, outras vezes, a conhecem demais, porque é sempre a mesma. Sobretudo, podem não se sentir preparados para o “como” vão fazer, porque a homilia supõe uma arte pedagógica e comunicativa nada fácil em muitas ocasiões.

Para alguns, a homilia representa uma responsabilidade que, às vezes, lhes dá medo ou lhes exige um tempo de preparação que não creem ter disponível em seu horário, ou lhes faltam livros adequados que os ajudem em sua preparação. Não raro, a experiência fez com que perdessem a ilusão ou a confiança, e o ministério da pregação lhes é, antes, oneroso e os faz sofrer, porque os deixa insatisfeitos e provavelmente notam que também a comunidade fica insatisfeita.

Também é verdade que alguns podem apresentar certa negligência e falta de convicção quanto à importância deste ministério e à necessidade de uma preparação cuidadosa. Inclusive a falta de fé profunda pode influir nesse desencanto e pouca motivação. Para o ministério pastoral, necessita-se um grau de vida de fé que dá luz e força também para a homilia dentro da celebração sacramental, que é um dos ministérios mais nobres mas também dos mais difíceis de um sacerdote.

c) Também a *comunidade* é fonte de perguntas que afetam a realização da homilia.

Se o pregador, por sua parte, às vezes se sente pouco à vontade neste ministério, também pode acontecer o mesmo aos fiéis que o escutam. Em alguns momentos, o pregador duvida das próprias forças. Em outros, tem motivos para pensar até aonde chega a capacidade de interesse e compreensão da comunidade que o escuta.

É verdade que muitos fiéis apreciam o ministério da homilia dentro da celebração dominical e, inclusive, diária. Consideram-na

enriquecedora de sua vida de fé. Nas pesquisas de opinião, há, não poucas vezes, elogios e agradecimento pelo esforço dos sacerdotes em ajudá-los com sua explicação homilética.

Mas também há perguntas e críticas por parte de alguns fiéis.

Muitas comunidades, sobretudo as paroquiais, são heterogêneas, e não é fácil encontrar a linguagem apropriada para captar o interesse de seus diversos componentes. Particularmente difíceis são as homilias dirigidas a crianças ou jovens, como também aos presentes em uma missa celebrada em zonas turísticas.

Outras comunidades são homogêneas, ou para os pregadores são sempre a mesma, que os escuta domingo após domingo e ano após ano, como acontece em muitas cidadezinhas e de modo especial em comunidades religiosas com missa diária.

Às vezes, nota-se nos fiéis uma clara falta de interesse, ou preconceitos persistentes – motivados em parte pelas campanhas dos meios de comunicação –, no tocante a tudo que diz respeito à religião e, concretamente, à explicação que o ministro da celebração lhes faz das leituras. Em um mundo secularizado que os educa continuamente para o interesse pelo imediato, pelo material e pelo que preocupa diretamente sua vida social e familiar, não é estranho que muitos fiéis estejam desmotivados e que a linguagem religiosa e os temas que a Bíblia lhes oferece não sejam precisamente de seu interesse.

Os cristãos de agora não são tão “dóceis” e receptivos como os de antes, mas se mostram bem mais críticos nos assuntos da religião. Embora, muitas vezes, não haja entre eles oposição, mas indiferença.

É verdade que, em determinadas circunstâncias, as próprias homilias que eles vão escutando tampouco fazem muito para prestigiar este gênero de transmissão, pela pobreza da linguagem ou pela falta de aplicação concreta à vida. Alguns as consideram, com frequência,

longas, enfadonhas, vazias, distantes da realidade, mal preparadas. P. Tena se perguntava (em *Phase*, n. 95, 1976) “que parte de influência terá a homilia na decisão de não participar na missa dominical”.

Muitos fiéis têm pouca formação bíblica, e isso contribui para que a linguagem das leituras e das homilias lhes pareça estranha. Ou, ao contrário, sua formação bíblica é bastante sólida, inclusive, melhor do que a do pregador. O pregador fará bem em recordar que alguns fiéis estão bem preparados em termos de cultura religiosa, que têm um alto nível de vida de fé e, portanto, são exigentes quanto à qualidade das celebrações e, concretamente, da homilia: não se conformam com repetições, com superficialidades, com homilias que, logo se vê, não foram preparadas, e estão desejosos de uma séria formação continuada, à luz da Palavra, para aplicá-la à sua vida.

É difícil em geral falar em público, mais ainda quando se trata de coisas de fé. Entre outras razões, porque há uma clara “inflação de palavras” na sociedade atual, o que faz com que os ouvintes da homilia possam estar saturados de palavras e escutem uma exortação religiosa com o mesmo escasso interesse com que escutam as propagandas políticas ou comerciais com que são bombardeados continuamente.

d) Muitos problemas acompanham a homilia do ponto de vista da *linguagem* que é necessário empregar nela, ou seja, do “como” transmitir a mensagem da Palavra a essa comunidade concreta.

Não é fácil captar a linguagem bíblica e então transmiti-la aos fiéis do século 21, ou conservar o justo equilíbrio entre a importância que a Palavra tem em si e sua aplicação à vida de hoje.

Uma das queixas mais frequentes, tirando a duração excessiva das homilias, que torna desproporcionada a celebração, é sua pouca pedagogia, sua falta de proximidade com a vida e o uso de uma linguagem difícil de entender. Às vezes, os fiéis criticam o conteúdo das homilias;

outras vezes, sua linguagem e sua forma; e outras ainda, sua falta de preparação e estrutura.

O processo da comunicação interpessoal é sempre difícil e está sendo estudado por muitos autores a partir das leis da linguagem, da psicologia e da sociologia. Não é nada fácil aplicar estas leis ao ministério homilético, que em poucos minutos tem que realizar esta transferência da Palavra para a vida e para esta comunidade concreta que escuta.

Em um mundo marcado pela linguagem audiovisual, uma homilia que se baseia somente na palavra pode ficar pouco estimulante se não se cuida muito de sua pedagogia. Paulo VI expunha bem a situação:

Sabemos bem que o ser humano moderno, saturado de discursos, se mostra muitas vezes cansado de ouvir e, pior ainda, como que imunizado contra a palavra. Conhecemos também as opiniões de numerosos psicólogos e sociólogos, que afirmam ter o ser humano moderno ultrapassado já a civilização da palavra, que se tornou praticamente ineficaz e inútil, e vivendo, hoje em dia, na civilização da imagem (EN 42).

Além disso, em um mundo marcado pela participação democrática em todos os níveis, a homilia pronunciada por uma única pessoa, sem diálogo nem intervenção de outros, pode parecer inapropriada para alguns.

e) Não é demais recordar que estas dificuldades que experimentamos no ministério da homilia *não são novas*. Há tempo se fala da “crise da homilia”, que é, a rigor, crise da pregação ou crise da religiosidade e da fé em geral, inclusive, em nações tradicionalmente cristãs.

Porém, lendo um pouco de história, vê-se que a crise existiu sempre. Já no AT os profetas fracassaram não poucas vezes em seu desejo de transmitir ao povo a mensagem de Deus.

Quando Jesus pronunciou a primeira homilia em Nazaré, sua aldeia, por incumbência do chefe da sinagoga, começou suscitando a admiração de todos, mas terminou despertando a ira geral, por ter denunciado sua falta de fé, e esteve a ponto de ser lançado da colina. A “homilia” que Jesus dedicou aos dois discípulos de Emaús no caminho tampouco parece que teve muito êxito: não entenderam o que lhes dizia nem o reconheceram. Foi depois, durante a ceia, que se abriram os olhos deles.

Quando Paulo, na noite de despedida dos responsáveis pelas comunidades em Trôade, se alongou em suas explicações, teve que experimentar que um jovem chamado Êutico, sentado na janela, adormeceu profundamente – foi precisamente um jovem o primeiro a adormecer em uma missa –, caiu do terceiro andar e morreu. Menos mal que Paulo pôde milagrosamente ressuscitá-lo e continuar a celebração.

Agostinho, o grande pregador de Hipona, que atraía com seus sermões inclusive não crentes, também se queixava às vezes de que alguns saíam da igreja durante o sermão e, caso se ouvisse que passava algum circo pela rua, com suas músicas e atrações, arrastaria atrás de si muitos jovens que, portanto, já não participariam na celebração.

São Tomás de Aquino, no ano de 1259, em Paris, foi interrompido, no meio de seu sermão, por um ruidoso contestatário que começou a protestar em voz alta em relação ao que dizia o pregador, tachando-o de herege, até que algumas pessoas conseguiram tirá-lo da igreja...

Tudo isso não é para consolar os pregadores desanimados, mas, sim, para que não se deixem levar pelo desalento. Além dos defeitos a corrigir no modo de realizar a homilia, não se pode esquecer de que a pregação, homilética ou não, tem uma carga profética que incomoda alguns, porque aplica a Palavra de Deus à vida concreta.

Revalorização da homilia

Por outro lado, são muitos os fatores que fazem hoje da pregação homilética uma realidade prazerosa, positiva, de renovado interesse no momento atual da Igreja, desde que, a partir do Concílio, se restabeleceu sua verdadeira identidade e se urgiu sua realização.

a) Antes de mais nada, houve na Igreja um redescobrimto da *importância da Palavra* de Deus e um interesse bastante generalizado pela formação bíblica, fruto de um prolongado movimento bíblico na Igreja. Muitos cristãos, pessoalmente ou em grupos, baseiam agora sua espiritualidade e seu crescimento na fé precisamente na leitura e na assimilação da Palavra bíblica. É possível dizer que os fiéis vão tendo cada vez mais familiaridade com a linguagem e a mensagem bíblica, incluindo o Antigo Testamento. Isto faz com que não só se aprecie a *lectio divina*, que vai se ampliando em suas diversas modalidades, mas concretamente se espere da homilia um alimento mais eficaz para crescer na vida de fé.

b) Na celebração litúrgica, entende-se cada vez melhor a estrutura interior do rito e, dentro dele, aceita-se melhor o *lugar da homilia*, que conecta as leituras com a celebração sacramental que segue e, sobretudo, com a vida. Esta nova consciência é fruto do movimento litúrgico que desembocou nas decisões do Vaticano II e redescobriu não só a importância da liturgia da Palavra na celebração, mas, concretamente, também da homilia e suas linhas dinâmicas interiores. Apesar das opiniões desfavoráveis que, às vezes, se tem da homilia, ela não está mal situada nas pesquisas de opinião: os cristãos tendem a admiti-la (resignadamente?), porque lhes parece lógica, dentro da dinâmica da celebração. É claro que, certamente, gostariam que fosse mais bem preparada e mais concreta.

c) Os *Lecionários* são agora muito mais ricos do que antes, ao longo do Ano Litúrgico, tanto para as missas dominicais (com seus três ciclos A, B e C) como para as diárias (com seu duplo ciclo I e II), incluindo também os livros do Antigo Testamento, que antes quase não eram proclamados na missa. Também são muito melhores – em alguns casos, novos – os Lecionários para os vários sacramentos, para as festas dos Santos e outras celebrações votivas ou particulares.

d) É um fato cada vez mais aceito que a homilia é *parte integrante da celebração* e que cada missa dominical ou festiva deve incluí-la. Para muitas comunidades, sobretudo religiosas, também as missas diárias, de modo particular nos tempos fortes do ano, têm sua homilia, que as ajuda para que a Palavra de Deus toque suas vidas.

Recordemos que, durante séculos, não se pregou nas missas dominicais, embora se fizesse isso em dias marcados, com panegíricos de santos (ou dos missa-cantantes) ou se realizassem sermões sobrepostos à missa, pregados por outro sacerdote, normalmente sem muita referência aos textos bíblicos.

É cada vez mais comum a pregação também nas missas feriais, e não só nas comunidades religiosas, mas também nas paróquias.

Também é um fator positivo e estimulante que agora não se celebre nenhum sacramento sem proclamação da Palavra, com sua correspondente homilia, coisa que antes não se fazia.

e) Os que se preparam para este ministério ou já se dedicam a ele recebem uma ajuda notável na *teologia renovada* que estudam, sobretudo a bíblica, com uma apresentação teológica nova sobre Deus, ou sobre Cristo, ou sobre a Igreja e a moral. Isso faz com que a homilia possa ter melhor apoio na hora de traduzir para nossas coordenadas atuais as mensagens da Palavra, baseando-se nesta teologia mais positiva

e centrada nos valores da História da Salvação. Na primeira metade do século 20, houve um saudável movimento “querigmático”, impulsionado por autores como J. A. Jungmann, H. Rahner e F. X. Arnold, preocupados em renovar a teoria e a práxis da pregação cristã. Isso influenciou notoriamente também no gênero homilético desta pregação.

f) A homilia está recebendo interpelações e luzes também de parte das *ciências humanas* da sociologia, da psicologia, das leis da comunicação linguística e da retórica. Se a conexão com a Bíblia ajuda sobretudo no âmbito do “quê” pregar, estas ciências estimulam a melhorar o “como” comunicar essa mensagem aos cristãos de hoje.

g) Também se pode dizer que há *subsídios* e ajudas melhores e mais abundantes para a preparação das homilias, tanto das dominicais como das dos outros dias, ou para os diversos sacramentos. Essas publicações, que agora se multiplicam também pela Internet, tendem a dar ao pregador materiais melhores para a exegese e para a aplicação da mensagem bíblica à vida dos ouvintes.

h) Está se cultivando a própria *homilética*, como ciência, do ponto de vista psicológico, sociológico, linguístico etc. Também os estudos da retórica interpelam significativamente nossa “arte de pregar” na celebração.

i) São interessantes, embora talvez ainda insuficientes entre nós, as *análises sociológicas* que estão se realizando em torno do ministério da homilia visto pelos fiéis.²

² Enumero algumas: VV.AA. *Ricerca interdisciplinare sulla predicazione*. Bologna: Dehoniane, 1973, 264 p.: análise psicológica e sociológica de 150 homilias em Milão; Traullé, C. *Propos et questions sur la prédication*. *LMD*, n. 126, p. 83-107, 1976 (análise sociológica de 30 sermões, com base em respostas de fiéis); VV.AA. *La homilía hoy: ¿medio de comunicación? Estudio sociológico*. *Phase*, n. 212, p. 175-180, 1996 (pesquisa de opinião com 1.174 pessoas nas Ilhas Canárias); Sartor, P. *L'omelia a Milano dal Concilio a oggi attraverso le indagini empiriche*. *La Scuola Cattolica*, n. 2-3, p. 289-349, 1996: estudo sério sobre pesquisas de opinião feitas em Milão sobre a pregação, com bibliografia abundante de estudos publicados na Itália; Borello, S. *Mediatori e comunicatori: come predicano gli omileti italiani*. *Ambrosius*, n. 3, p. 239-283, 2003.

Panorama positivo

São muitos os fatores positivos que aproximaram a homilia da Palavra bíblica, da vida concreta e da dinâmica interior da celebração sacramental.

Tudo isso faz com que sejam muitos os sacerdotes que encontram na pregação homilética dominical ou diária alimento para sua própria vida espiritual e sentem autêntica alegria em poder ajudar os fiéis com seu serviço, para o qual se preparam responsabilmente.

Paulo VI não hesitou em afirmar que também os fiéis que recebem a ajuda deste ministério estão se valendo agora claramente dele para o crescimento em sua vida de fé:

Os fiéis congregados para formar uma Igreja pascal, a celebrar a festa do Senhor presente no meio deles, esperam muito desta pregação e dela poderão tirar fruto abundante, contanto que ela seja simples, clara, direta, adaptada, profundamente aderente ao ensinamento evangélico e fiel ao magistério da Igreja, animada por um ardor apostólico equilibrado que lhe advém de seu caráter próprio, cheia de esperança, nutriente para a fé e geradora de paz e unidade. Muitas comunidades paroquiais ou de outro tipo vivem e consolidam-se graças à homilia de cada domingo, quando ela tem as qualidades apontadas (EN 43).

Os fiéis de hoje necessitam mais do que em outros tempos da ajuda permanente da homilia que aproxime a Palavra às suas vidas e os vá formando em uma mentalidade que possa contrabalançar à da sociedade em que vivem. Para muitos, a homilia é o elemento principal da celebração (embora não o devesse ser, porque o mais importante é a própria Palavra), o elemento que os sacerdotes mais preparam e quase o único de que os fiéis se lembram depois.

Podemos afirmar que, se pode parecer a alguns que a homilia não os enriquece, muitos outros fiéis, tanto os dominicais como os religiosos e muitos outros que participam diariamente da Eucaristia, são efetivamente ajudados e ficam iluminados e alimentados em sua fé pela celebração e, concretamente, pela homilia. Quantos milhares e milhões de cristãos, na Igreja, recebem com regularidade o alimento deste ministério homilético!

Se é possível falar de crise homilética, é necessário recordar também que, às vezes, as crises servem de purificação e nos obrigam a nos examinar para melhorar a qualidade de nossas homilias e, assim, favorecer mais decididamente a vida de fé de nossas comunidades.